

A SOCIOLOGIA DE GILBERTO FREYRE E O PROCESSO CIVILIZADOR BRASILEIRO¹

Francisco Xavier Freire Rodrigues²

RESUMO: O presente paper trata da sociologia de Gilberto Freyre e sua contribuição para o entendimento do processo civilizador no Brasil. Analisa a especificidade do processo civilizador na cultura e na sociedade brasileiras. Toma-se como textos básicos *Casa grande e senzala*, *Novo mundo nos trópicos* e *Sobrados e mucambos*. Freyre se utiliza de aspectos considerados triviais pela teoria social dominante, como costumes, receitas de cozinha, etiquetas, modos de lidar com o corpo, formas de alimentação, além de outros elementos de distinção social. Freyre entende a modernidade e a civilização brasileiras como resultado de uma forma específica da “reeuropeização” que transformou cultural e estruturalmente o país a partir de 1808 (vinda da família real) com a chegada do Estado moderno e do mercado, instituições transformadoras das relações sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Gilberto Freyre, cultura brasileira, processo civilizador

GILBERTO FREYRE'S SOCIOLOGY AND THE BRAZILIAN CIVILIZATION PROCESS

ABSTRACT: The present paper treats of Gilberto Freyre's sociology and his contribution for the understanding of the civilization process in Brazil. It analyzes the specificity of the civilization process in the culture and in the Brazilian society. It is taken as basic texts *Casa grande e senzala*, *Novo mundo nos trópicos* and *Sobrados e mucambos*. Freyre used aspects considered trivial for the dominant social theory, as habits, kitchen incomes, labels, manners of working with the body, feeding forms, besides other elements of social distinction. Freyre understands the modernity and the Brazilian civilization as a result of a specific form of the “reeuropeization” that transformed cultural and structurally the country starting from 1808 (arrival of the royal family) with the arrival of the modern State and of the market, transformations institutions of the social relationships.

KEY-WORDS: Gilberto Freyre, brazilian culture, civilization process.

INTRODUÇÃO

Este paper trata da sociologia de Gilberto Freyre e sua contribuição para o entendimento do processo civilizador no Brasil. Analisa a especificidade do processo civilizador na cultura e na sociedade brasileiras. Toma-se como textos básicos *Casa grande e senzala*, *Novo mundo nos trópicos* e *Sobrados e mucambos*, *Nordeste*, *Ordem e progresso* e *Inglese no Brasil*. Analisa-se outras abordagens sociológicas sobre Gilberto Freyre já produzidas no Brasil, entre elas as de DaMatta (1991, 1987), de Araújo (1993) e de Jessé Souza (2000).

O nosso problema de pesquisa consiste numa questão fundamentalmente teórica. Trata-se de identificar e analisar a interpretação sociológica de Gilberto Freyre sobre a formação social brasileira e a singularidade cultural do processo civilizador no Brasil

A investigar o “processo de civilização” e de formação da sociedade brasileira (a partir de perspectivas “histórica social e/ou sociogenética”) Freyre se utiliza de aspectos considerados triviais pela teoria social dominante, como costumes, receitas de cozinha, etiquetas, modos de lidar com o corpo, formas de alimentação, além de outros elementos de distinção social. O sociólogo pernambucano centrou-se na institucionalização de valores e concepções de mundo. Freyre entende a modernidade e a civilização brasileiras como resultado de uma forma específica da “reeuropeização” que transformou

cultural e estruturalmente o país a partir de 1808 (vinda da Família Real) com a chegada do Estado racional-moderno e do mercado capitalista, instituições transformadoras das relações sociais.

O texto está montado da seguinte forma: a primeira parte intitula-se “Gilberto Freyre e a sociologia da inautenticidade”, trata da diferença entre as interpretações sociológicas de Freyre e as de Holanda, DaMatta e Faoro. A segunda parte “A sociologia de Gilberto Freyre” apresenta em termos genéricos a obra de Freyre, destacando seus livros principais e suas contribuições para se entender a formação social, econômica, política e cultural brasileira. Na terceira parte, “A formação social brasileira em *Casa Grande e Senzala*, o leitor encontra uma análise do livro *Casa grande e senzala*. A quarta parte tem como título “A singularidade cultural brasileira do processo civilizador”, discute a importância do advento do Estado (com a vinda da Família Real em 1808) e da formação de uma sociedade capitalista no Brasil. Analisa a modernização da sociedade brasileira e a formação de uma civilização singular no Brasil. A última parte é constituída por algumas considerações finais.

Gilberto Freyre e a sociologia da inautenticidade

O pensamento de Gilberto Freyre pode ser entendido como uma sociologia da absorção da modernidade no Bra-

¹ Este paper é parte do trabalho “O processo civilizatório e a cultura brasileira: um interessante diálogo entre Norbert Elias e Gilberto Freyre”, apresentado no XI Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nor-

sil.

Sérgio Buarque de Holanda, Roberto DaMatta e Raymundo Faoro são representantes legítimos da famosa “sociologia da inautenticidade brasileira”. São autores que partem de pressupostos comuns: “o vínculo interno da continuidade” entre a formação social brasileira e a sociedade portuguesa, apesar da disparidade. Admitem o culturalismo atávico. Consideramos que em Holanda (1999), DaMatta (1999, 1991, 1987) e Faoro (1984) um ponto fundamental de suas abordagens reside no argumento de que um dos aspectos que garantem a especificidade brasileira é a herança ibérica, ou melhor, a herança lusitana. O Brasil seria uma continuação de Portugal. Entendemos que é grandiosa a contribuição dos pensadores da sociologia da inautenticidade, no entanto não podemos deixar de perceber eventuais falhas neste modelo analítico. Vejamos o que diz o sociólogo Jessé Souza acerca deste autores:

Esse tipo de culturalismo percebe a problemática da influência valorativa sem atentar para a forma específica da institucionalização desses valores nem para a peculiar estratificação, que em cada caso singular se origina a partir dela e passa a refletir sobre ela. Vimos que o procedimento contrário guiava as análises de Weber e Elias sobre a institucionalização diferencial do racionalismo ocidental nos diferentes países europeus (SOUZA, 2000, p. 204-6).

Concordamos com a pertinente observação acima, e desde já, buscaremos enfatizar a abordagem de Gilberto Freyre como sendo a mais original e, ao mesmo tempo, adequada para identificar as especificidades da institucionalização de valores modernos no Brasil.

A sociologia de Gilberto Freyre

Freyre é um dos mais complexo e contraditório (e difícil) dos pensadores brasileiros. Tal constatação justifica a imensa produção sociológica acerca de sua obra. A vitalidade de seu pensamento parece estimular vários debates ao longo dos últimos 50 anos. É o autor mais moderno do pensamento social, o que nos faz sugerir a hipótese de que ao invés de perder atualidade, sua obra torna-se cada vez mais atual e contemporânea. A compressão de sua obra é difícil. Há enorme disparidade nela. Diferentemente da maioria dos pensadores que ao final de suas carreiras dão coerência e unidade às suas obras, e escrevem os melhores livros, Freyre escreveu seus melhores livros ainda jovem, na década de 1930, *Casa Grande e Senzala* e *Sobrados e Mucambos*. Sua obra de juventude foi aberta, propositiva e hipotética. Ao nosso ver, o jovem sociólogo tem mais a nos dizer do que sociólogo maduro.

A obra madura de Freyre é uma “caricatura de sua obra de juventude” (SOUZA, 2000, p. 211). Freyre conclui na sua maturidade, e transforma as proposições sobre a singularidade brasileira em

ideologia nacionalista e luso-imperialista de duvidoso potencial democrático. O que antes adquiria a forma do questionar-se as peculiaridades e transformações de uma cultura européia nos trópicos transforma-se em ‘tropicologia’, um conjunto de asserções de cientificidade duvidosa, carregadas de impressionismo, mas

facilmente utilizáveis como uma ideologia unitária do ‘tropical e mestiço’. Uma ideologia do ‘apagamento das diferenças’.

Em *Novo Mundo nos Trópicos*, Freyre (1969, p. 20) tenta fazer com que a tropicologia seja transformada em Ciências pelos doutores da Sorbonne, dedica da ao estudo das condições do homem nos trópicos.

Freyre admite em sua sociologia a consideração de aspectos dispare, heterogêneos, biológicos, culturais, mesológicos na determinação de uma cultura singular. Na obra da juventude, a dimensão cultural é predominante, enquanto que na maturidade a dimensão mesológica tende a se tornar dominante. Isso pode ser entendido a partir de motivos políticos, pois Freyre alega a necessidade de nos defendermos de “imperialismos de potências não-tropicais com relação a espaços, recursos, população e culturas tropicais” (FREYRE, 1969, p. XIX). Aqui, pode-se perceber a tentativa clara de exaltar e preservar a singularidade brasileira, o que significa também a defesa da construção de uma identidade nacional.

A compreensão do pensamento de Freyre exige que pensemos os seus dois livros mais importantes - *Casa Grande e Senzala* e *Sobrados e Mucambos* - como obras referentes a períodos históricos distintos. Em *Casa Grande e Senzala* a questão central é o encontro entre as culturas nos trópicos, está ligado à miscigenação e a uma comparação com o desenvolvimento norte-americano. Já *Sobrados e Mucambos* trata fundamentalmente da “ambigüidade” cultural brasileira, tomando como base o velho embate entre tradição patriarcal e o processo de ocidentalização influenciado pela Europa burguesa, e não apenas portuguesa, sendo agora a realidade brasileira do século XIX. Aqui, o processo de “ocidentalização” pode ser entendido como o processo de civilização (tal como foi analisado por Elias), o que nos permite fazer comparações entre Freyre e Elias. Trata-se de mudanças de hábitos, costumes, vestir, leituras e consumo. O brasileiro se transveste de civilizado, civilizado seria vestir-se de inglês.

A formação social brasileira em *Casa grande e senzala*

Nesta parte, analisaremos a interpretação de Freyre acerca da formação da sociedade patriarcal brasileira presente em *Casa Grande e Senzala*. Cabe antes um breve comentário sobre estudiosos de Freyre. Ricardo Benzaquen de Araújo (1994) analisou a obra de Freyre no contexto dos anos 30. Este autor parte de uma polêmica com a interpretação de Luiz da Costa Lima (1989) em *O aguarrás do tempo* sobre Freyre. Este autor defendeu que Freyre não havia desvinculado raça e cultura e dado ênfase maior na cultura, mesmo que Freyre defendia ter feito isto. Tal separação diferenciava Freyre dos teóricos racistas, como Oliveira Vianna. Freyre não teria se livrado do paradigma da raça (COSTA LIMA, 1989).

É verdade que Araújo (1994) e Costa Lima (1989) concordam no que diz respeito à imprecisão conceitual de Freyre. Para Araújo, a categoria raça em Freyre seria um produto, resultado da transformação cultural modificada e adaptada ao meio específico. Um efeito e não causa da combinação entre meio e cultura. Na verdade, a hipótese de Araújo é a de que “Freyre teria assimilado uma noção ‘neo-lamarckiana’ de raça, que exigiria a mediação do meio físico, enquanto elemento adaptador capaz de incorporar, transmitir e herdar

características culturais” (SOUZA, 2000, p. 215).

Freyre elabora uma imagem idílica do colonizador português, segundo a qual não houve violência na escravidão brasileira. Houve violência, porém a diferença é que no Brasil, ao contrário da Grécia antiga, ocorreram proximidades e influências entre as culturas dominante e dominada.

A abordagem culturalista de Freyre sugere que a proximidade entre as culturas explicaria o caráter sincrético de nossa formação social, algo oposto às culturas puras (como a Grega, por exemplo). A proximidade seria resultado da influência cristã herdada dos portugueses, contrário ao elemento despótico oriental herdado dos mouros. Neste sentido, podemos afirmar que a idéia de trópico em Freyre seria responsável pela ponte entre cultura e geografia, bem como pela sustentação das contradições em equilíbrio. É importante a noção de “neolamarckianismo” para entendermos a metodologia de Freyre.

É importante salientar que na análise da formação social brasileira Freyre (1957, p. 17-18) afirma que os portugueses mudaram a forma de colonizar o Brasil, a partir de 1832, tornando uma colonização permanente e estável por meio da agricultura e da mão-de-obra escrava. Monocultura em termos econômicos, em termos sociais, a família patriarcal, português e mulher índia. Funda-se o patriarcalismo. Este patriarcalismo familiar se desenvolveu sem limites materiais e simbólicos, sem resistências.

Em *Casa Grande e Senzala*, Freyre (1957) analisa a relação do português, elemento predominante na colonização brasileira, com o negro e o índio, os outros elementos que participaram da formação étnica, econômica, social e cultural do Brasil. O português aparece como o motor e idealizador do processo de colonização, além de dominador. A civilização brasileira teria sido formada por negros, índios e europeus:

in this the african negro and the descendant of the negro (the african was imported to brazil as a slave) also played their part. this fact that amerindians and africans, as well as europeans, and their mixed descendants, have made an active contribution to the development of brazil seems to explain why portuguese america has now a civilisation with so vivid characteristics of its own; and why one of these characteristics is what has been described by some authors as brazilian ethnic democracy. many characteristics of modern brazilian civilisation originate in the fact that the negro, through the comparatively liberal treatment given to him in brazil, has been able to express himself as a brazilian, and has not been forced to behave as an ethnic and cultural intruder (FREYRE, 1956, p. 1).

O português contém a plasticidade, talvez a característica mais importante da vida colonial brasileira. O português é um homem “sem ideais absolutos nem preconceitos inflexíveis” (FREYRE, 1957, p. 191). Tal plasticidade influencia a proximidade entre as culturas lusa e negra, originando novos costumes, religião, mistura, cordialidade, afeto, sedução, ódio, inveja etc. Alguns pensadores sustentam que o drama social da colônia surge da mistura entre negro e português.

Talvez a singularidade da escravidão brasileira residiria na convivência simultânea da desigualdade despótica (relação senhor/escravo) e da intimidade e afetividade e comunicação

entre as duas culturas e as raças.

Freyre faz uma comparação entre a escravidão brasileira e a do sul dos Estados Unidos. Tal comparação é muito bem percebida por Araújo (1993, p. 98), que defende haver absoluta similaridade, sem nenhuma diferenciação. Em ambos os casos, havia uma economia escravocrata baseada na monocultura, e uma organização social fundada na família patriarcal (FREYRE, 1957, pp. 360, 410, 422).

Em *Novo Mundo nos Trópicos*, Freyre (1969, p. 179) ressalta que

fiquei impressionado pelo fato de que o parentesco sociológico entre os sistemas português e maometano de escravidão parece responsável por certas características do sistema brasileiro. Características que não são encontradas em nenhuma outra região da América onde existiu a escravidão. O fato de que a escravidão, no Brasil, foi, evidentemente, menos cruel do que na América inglesa, e mesmo do que nas Américas francesa e espanhola, já me parece documentado de forma idônea.

Está explícito na citação acima a tentativa de apontar os traços específicos do sistema de escravidão no Brasil, buscando, assim, destacar as particularidades da formação social brasileira. O autor sugere que a escravidão brasileira teria sido um pouco humana, e benigna. Entretanto, Freyre não atribui a natureza da escravidão brasileira apenas ao fato de os portugueses serem mais cristãos do que os ingleses, espanhóis e holandeses. Sua análise é mais profunda e rica. Ele argumenta que

A verdade seria outra: a forma menos cruel de escravidão desenvolvida pelos portugueses no Brasil parece ter sido o resultado de seu contato com os escravocratas maometanos, conhecidos pela maneira familiar como tratavam seus escravos, pelo motivo muito mais concretamente sociológico do que abstratamente étnico de sua concepção doméstica da escravidão ter sido diversa da industrial, pré-industrial e até antiindustrial. Sabemos que os portugueses, apesar de intensamente cristãos – mais que isso até, campeões da causa do cristianismo contra a causa do Islã –, imitaram os árabes, os mouros, os maometanos em certas técnicas e em certos costumes, assimilando deles inúmeros valores culturais. A concepção maometana da escravidão, como sistema doméstico ligado à organização da família, inclusive às atividades domésticas, sem ter decisivamente dominada por um propósito econômico-industrial, foi um dos valores mouros ou maometanos que os portugueses aplicaram à colonização predominantemente, mas não exclusivamente, cristã do Brasil (FREYRE, 1969, p. 180).

Neste sentido, o elemento mouro tende a explicar a especificidade, a proximidade da escravidão brasileira como expressão social e cultural singular. Tal ponto serve para Freyre procurar o elemento realmente explicativo que distingue a escravidão brasileira e as outras experiências de sociedades escravocratas do continente americano. A escravidão no Brasil teria sido, uma instituição total e a verdadeira semente da formação social brasileira. A relação entre a cul-

tura portuguesa e a cultura moura poderia assim, contribuir para explicar a situação brasileira. Podemos afirmar que o sincretismo cultural no Brasil, mistura de raízes européias e africanas, produziu a civilização brasileira, não reduzível a nenhuma das culturas participantes. A herança moura teria dado a nossa singularidade (SOUZA, 2000, p. 223).

Sobre a civilização brasileira, Freyre ressalta que

A verdade, porém, é que nós é que fomos os sadistas; o elemento ativo na corrupção da vida de família; e muleques e mulatas o elemento passivo. Na realidade, nem o branco nem o negro agiram por si, muito menos como raça, ou sob a ação preponderante do clima, nas relações de sexo e de classe que se desenvolveram entre senhores e escravos no Brasil. Exprimiui-se nessas relações o espírito do sistema econômico que nos dividiu, como um Deus todo-poderoso, em senhores e escravos. Dele se deriva a exagerada tendência para o sadismo característica do brasileiro, nascido e criado em casa grande, principalmente em engenho; e a que insistentemente temos aludido neste ensaio. Imagine-se um país com os meninos armados de faca de ponta! Pois foi assim o Brasil do tempo da escravidão (FREYRE, 1957, p. 361).

A influência do sistema escravocrata brasileiro é tão forte na nossa formação social que todo menino, mesmo que criado depois da abolição da escravatura, seja de qualquer classe, gosta de ser malvado com seus inferiores, sejam negros, empregados ou animais. Isso pode ser entendido como um pecado original do brasileiro. No patriarcalismo brasileiro, não havia limites a autoridade do senhor de terra, ele era a lei. A sociedade colonial brasileira foi híbrida, houve subordinação e domínio ao invés de igualdade entre raças e culturas. O homem branco teve relação sádica com as mulheres negras e índias. Freyre trata da proximidade entre as culturas diferentes na formação social brasileira como sendo algo “confraternizadora”. A dependência pessoal do patriarcal, dar ensejo ao “familismo”. Tal sistema instaura a relação de favor e troca entre desiguais, pai e seus dependentes (FREYRE, 1957, p. 354).

A singularidade cultural do processo civilizador brasileiro

Percebemos que em *Sobrados e Mucambos* a questão do familismo se complexifica devido à passagem do patriarcalismo rural ao urbano. Neste sentido, a ascendência da cultura urbana brasileira está ligada à decadência do patriarcalismo rural, provocando as dívidas dos patriarcas e a transferência de poder do campo para as cidades. Por isso, a ascendência desta cultura citadina implica na emergência de novos hábitos, papéis sociais, valores e costumes, novas profissões e hierarquias sociais.

Para a formação da sociedade brasileira na análise de Freyre (1990a) desenvolvida em *Sobrados e Mucambos* e em *Ordem e Progresso* é importante ter em mente, não apenas os impactos da formação do Estado, mas também as transformações e mudanças políticas e econômicas, ideológicas, os valores, a introdução de máquinas e a formação

de um incipiente mercado capitalista. A cultura urbana que se instaura passa a considerar a oposição entre valores burgueses europeus e valores locais, do interior, não civilizados (FREYRE, 1990b).

Podemos ressaltar que isso faz com os valores do familismo patriarcal rural tenha certa abertura aos valores universalizantes. Freyre ressalta que as idéias burguesas e os valores universais entram no Brasil no século XIX, da mesma forma que aconteceu na Europa no século XVIII, através da troca de mercadorias. Há forte influência européia nos hábitos, nas vestimentas, na fala e na mudança comportamental. De agora diante, os brasileiros passariam a consumir não apenas pão e cerveja, mas a alta costura de Paris, tornando-se civilizados. Mas muitos comportamentos eram ainda, nesta época, superficiais, exteriores. É isso que entende-se por imperialismo cultural

A modernização brasileira era inautêntica, epidérmica, superficial, não havia conseguido institucionalizar os valores individuais e burgueses da Europa Moderna e não-ibérica no Brasil. Isso nos faz lembrar a tese de Roberto Schwartz (1977) de que “as idéias estão fora do lugar”.

Em *Sobrados e Mucambos*, Freyre (1990a) verifica que o processo de “reeuropeização” do Brasil no século XIX contém elementos atípicos, imitativos, superficiais como em qualquer sociedade em plena transição. Entretanto, Freyre percebeu que neste processo haviam elementos reais, de autêntica assimilação e aprendizado cultural. Havia a construção de instituições importantes de uma ordem moderna, como o Estado e o mercado no Brasil do século XIX. Tais instituições permitem bases autônomas e valores universais (e individuais). Na verdade, podemos sugerir a tese de que em *Sobrados e Mucambos* Freyre (1990a) traça a genealogia do Brasil moderno, na qual enfatiza o constante embate entre dois sistemas distintos de valores.

Uma leitura atenta nos revela que no contexto de urbanização, o patriarca perde poder e status, deixa de ser referência absoluta, curvando-se as regras e normas impessoais. O sistema social adota um código valorativo impessoal, abstrato e normativo. A opressão desloca-se de senhor/escravo para autoridades dotadas de valores europeus. De fato, a passagem do sistema de Casa Grande e Senzala para o sistema de Sobrados e Mucambos fragmenta a unidade orgânica anterior, aqueles antagonismos e contradições em equilíbrio. Tais fragmentos se espalham e não se completam, por isso provocam conflitos e oposições ferrenhas. Na verdade, determinadas interpretações tendem a advogar que a urbanização representou uma piora nas condições de vida dos negros livres e de muitos mestiços pobres das cidades. O nível de vida baixou, a comida ficou pior e a casa também. O abandono os fez então perigosos, criminosos, ‘capoeiras’, etc. Os sobrados senhoris, (...), por serem escuros e anti-higiênicos, tornaram-se com o tempo prisões defensivas do perigo da rua, dos moleques, dos capoeiras, etc. (SOUZA, 2000, p. 238).

A urbanização modificou o exercício do poder patriarcal, tornando-o impessoal, abstraindo-o da figura do patriarca. Pode-se sugerir a tese de que o Estado moderno roubou este poder na figura pessoal de quem o exercia. Nossa investigação demonstra que a urbanização mudou a relação entre os sexos, diminuindo os excessos do patriarca, pois limitou seu poder. As

modas, os romances, os bailes e o teatro se tornam mais importantes do que a igreja. Neste contexto um novo mundo estava se abrindo para as mulheres (SOUZA, 2000, p. 239).

Freyre se preocupou com a influência inglesa no Brasil do século XIX. Para isso escreveu o livro *Inglêses no Brasil*. Mostrou que a partir da vinda da família Real ao Brasil, começa a substituição das murabias e gelosias por grandes de ferro e vidraças. Explica que isso teria sido influenciado pela pressão inglesa para exportar ferro e vidro para o Brasil, e assim substituir a madeira, e com isso, o estilo hispano-árabe de construção, o que provoca mudanças culturais radicais.

A mudança que o Brasil vive no século XIX recebeu o nome de europeização ou reeuropeização. A formação do Estado autônomo e o advento do mercado podem ser entendidos como um grande impacto democratizante na sociedade brasileira naquele período, com sérias conseqüências econômicas, políticas e culturais no futuro. Tratava-se de uma reconquista, revalorização de valores ocidentais individualistas da cultura Européia, Francesa, Inglesa e Alemã. Os valores que aos poucos iam se incorporando ao Brasil, mesmo que imposto de cima para baixo, são elementos da modernidade (SOUZA, 2000, p. 239).

O tipo de herança colonial brasileira combinado com as transformações sociais pelas passou o Brasil do século XIX implicaram na construção de uma civilização bastante peculiar. Vejamos o que nos diz Freyre a este respeito:

Brazil has had to find its own ways of combining modern civilization with a tropical environment. It is no easy task. But it makes for creativeness. It demands from Brazilians what some of them would like to avoid: a constant effort towards new solutions for problems of the relations of civilised men with nature, and of civilised men with men whose cultures are not civilised. For these still exist in Brazil: and their ways, values, experiences, instead of being radically repudiated, must be analysed and considered carefully, and carefully utilised, for a possibly new cultural synthesis that will be at once European and tropical (FREYRE, 1956, p. 3).

Com relação ao estilo de vida, outro aspecto importante na sociologia de Freyre, cabe ressaltar a forte influência dos interesses comerciais do industrialismo inglês, por meio da mudança de hábitos, nas construções de casas, jeito de vestir, moda, tecidos grosso inadequados ao clima brasileiro tropical. Agora no Brasil se bebia cerveja e se comia pão, como os ingleses. Os hábitos portugueses e orientais passam a ser vistos como mal, não modernos. A busca por esses símbolos de distinção abriram espaço para a emergência de um mercado interno, aumentando as imitações e importações, particularmente de produtos franceses. As mudanças econômicas impulsionaram mudanças culturais, idéias liberais, individualistas. Neste contexto o conhecimento teve papel importante no Brasil, como elemento burguês moderno, ele valorizou o talento individual, emergindo um mercado especializado, com funções definidas. A meritocracia pedia passagem (FREYRE, 1990a, p. 336).

As mudanças tecnológicas tiveram impactos importan-

tes na conformação das novas relações sociais. Neste sentido, a introdução da máquina foi muito importante no âmbito do mercado. Freyre analisou a relevância dessa inovação técnica e suas repercussões sociais. A máquina desvaloriza a sociedade patriarcal, reduz a importância do escravo e do senhor. Ela estabelece um novo tipo de relação social, aquela com base no mercado e na impessoalidade.

Freyre mostrou o desenvolvimento técnico do Nordeste. Afirmou que “É certo que, em Pernambuco, aos boeiros dos principais engenhos de açúcar correspondia, nos meados do século XIX, uma adiantada mecanização dos processos de fabrico de açúcar: mecanização para a qual concorreram técnicos franceses e principalmente ingleses” (FREYRE, 1962, p. 21).

A máquina desvaloriza as duas posições anteriores mais importantes da sociedade escravocrata e valoriza o elemento médio, algo antes deslocado da sociedade escravagista. A sociedade urbana reeuropeizada do Brasil do século XIX assimila e reatualiza a “proximidade”. Tal elemento teve origem na intimidade sexual e cultural que predominou na colonização brasileira, entre raças e culturas. É válido salientar aqui a tese de que “O Brasil que se reeuropeizava estava em vias de trocar a força humana pela maquinofatura sem ter sequer passada pela transição da força animal” (SOUZA, 2000, p. 240).

Com as classes populares perdendo importância na nova sociedade, os mestiços surgem como aprendizes de mestres e se tornam importantes, representam a meio-raça. Estava surgindo, de fato, uma civilização brasileira, com características típicas.

Em vez apenas dos apanágios exteriores de raça, dentro da complexa ritualística que, como conseqüência da maior proximidade social entre os diversos estratos sociais que a urbanização enseja, instaura-se no país nessa época, como a forma de vestimenta, a comida, o modo de transporte, o jeito de andar, o tipo de sapato, etc., temos, a partir de então, um elemento diferenciador novo. Esse elemento é revolucionário no melhor sentido burguês do termo, posto que ‘interno’ e não ‘externo’, sendo antes uma substância e um conteúdo do que uma aparência, mais ligados portanto a qualidades e talentos pessoais que a privilégios herdados (SOUZA, 2000, p. 241-2).

A perícia e o conhecimento são elementos que passam a definir a nova hierarquia social. Tem-se um elemento democratizante da mobilidade social, o status perde sua origem pessoal. Aqui, o mulato habilitado poderia se dar bem, pois ele surge como elemento intermediário das duas classes extremas da ordem social anterior. A ascensão social do mulato bacharel, portador de cultura superior, mas aristocrático do que aquele artesão é um sinal de modernização de cima para baixa, de fora para dentro e de baixo para cima. É necessário entender que o Estado planta a semente de uma sociedade civil. O mulato bacharel vai desempenhar funções no Estado. É neste sentido que temos uma “modernidade híbrida, já burguesa, mas ainda patriarcal, se bem que de um patriarcalismo já sublimado e mais abstrato e impessoal na figura do imperador pai de todos, e agora mais afastado, portanto do patriarcalismo familiarístico todo dominante na colônia” (SOUZA, 2000, p. 242).

Entretanto, ao mesmo tempo em que o mestiço era incorporado à sociedade civil emergente, o negro passava por um

processo de proletarianização e demonização, ao mesmo tempo que os negros e os párias dos mucambos eram os elementos odiados, excluídos, de quem todos queriam distancia. A vestimenta aqui servia como distinção social, uma necessidade de externalizar para marcar posições, nisso Freyre é importante, e se aproxima de Elias.

As possibilidades de ascensão social dos mestiços já existiam devido ao sistema que permitia dividir a herança entre filhos ilegítimos dos senhores. Haviam resistências devido à fragmentação da riqueza das grandes famílias. Isso também se deve à proximidade e à afetividade entre senhores e suas concubinas. O mulato era capaz de ascensão social, agregado a todos. Quando ele aparecia bem vestido, logo causa espanto aos brancos, pois podia ser uma ameaça às suas posições. Neste momento nascia o sistema social brasileiro contraditório por excelência, pois era mesmo “segregador e assimilador” (FREYRE, 1990a p. 399).

Na verdade, Freyre advoga que se pode exercer outros papéis.

É, portanto, apenas com a consideração dos efeitos da ‘escravidão moura’ expostos em CGS no contexto de modernização e europeização do século XIX que podemos compreender o significado social do elemento de ‘proximidade’ da sociedade escravocrata brasileira. Freyre percebia que os lugares sociais do patriarcalismo sempre foram funcionais e não-essencialistas. Isso permitia que a figura masculina do patriarca pudesse ser exercida por uma mulher, a qual obviamente continua biologicamente mulher, mas era sociologicamente ou funcionalmente homem/patriarca. Assim, do mesmo modo, os afilhados ou sobrinhos, como eram chamados os filhos ilegítimos de senhores de terra e padres, os quais poderiam tornar-se sociologicamente filhos, herdando a riqueza paterna, ou mesmo substituindo o pai na atividade produtiva. O mesmo traço sistêmico fazia o biologicamente mulato transformar-se em sociologicamente branco, ou seja, ocupar posições sociais que, num sistema escravocrata, são privilégio de brancos (SOUZA, 200, p. 243-4).

A mestiçagem e ascensão social do mestiço na sociedade brasileira do século XIX, em plena “reeuropeização” permitem Freyre destacar a oposição entre “democracia racial” e “democracia real” ou política norte-americana. É neste sentido que se defende o argumento de que no Brasil o negro e o mestiço poderiam negociar individualmente suas respectivas condições no sistema social de trocas, algo impossível no caso da escravidão norte-americana, pois nesta o escravo não podia embranquecer, como acontecia no Brasil. Pode-se concluir que a reeuropeização do Brasil permitia exatamente este “embranquecimento”.

A historiografia e a literatura sociológica analisadas sugerem que no Brasil a modernidade chega com os portugueses de navio, é imposta à sociedade como um todo, nas suas dimensões material e simbólica. Os valores modernos inicialmente eram estranhos a toda a sociedade brasileira, independentemente de classe social. Até mesmo a elite patriarcal viu seu poder sendo curvado a tais valores. Entretanto, cabe aqui ressaltar que

de ‘navio’, na esteira da troca de mercadorias, seus valores não são uma mera mercadoria de consumo. Afinal, seriam esses valores que iriam presidir a institucionalização incipiente de formas extremamente eficazes de condução da vida cotidiana: o Estado e o mercado capitalistas (SOUZA, 2000, p. 245).

Tais instituições implicam numa revolução social no Brasil, modificam os valores, a política, a economia e a cultura. Os papéis sociais foram radicalmente transformados. Uma nova configuração social valorativa emerge na sociedade brasileira. As diferenças de raça e de classe são relativizadas no momento em que se dá a assimilação da tecnologia e dos valores ocidentais no Brasil.

O indivíduo europeizado no Brasil era aquele capaz de responder aos estímulos da sociedade que se formava. Isso contribuiu para superar a ordem patriarcal baseada na proximidade e nas relações pessoais. De fato, Freyre observou que a partir de 1808 começa de fato a reeuropeização do Brasil, o que implica no advento da revolução burguesa brasileira e modernizadora. Entretanto, para estudiosos da realidade nacional “Ela é o início ao mesmo tempo do Brasil moderno e da miséria brasileira. Ela permite a ascensão de amplas camadas sociais segundo critérios impessoais, por um lado, e condena toda uma classe, pelo abandono, à condição secular de parias rurais e urbanos, por outro” (SOUZA, 2000, p. 251).

Freyre percebeu que a institucionalização de valores burgueses no cotidiano brasileiro fez reproduzir toda uma economia emocional. Para nosso sociólogo são importantes duas questões esquecidas pelos sociólogos da inautenticidade brasileira (DAMATTA, 1999, 1991, 1981; FAORO, 1984; e HOLANDA, 1999), são elas: (1) a institucionalização de valores (construção do estado racional e do mercado capitalista) como explicação da influência de valores novos sobre os indivíduos, (2) a estratificação social, sendo esta uma seletividade do processo de transformações nos valores. Pode-se defender a idéia de que no Brasil europeizado do século XIX, estes valores modernos e universais eram fundamentos das.

Considerações Finais

Freyre nos coloca elementos que permitem entender a gramática social brasileira, na qual a análise da institucionalização de estímulos seletivos para a conduta dos indivíduos que a compõem se torna fucral no seu livro *Sobrados e Mucambos*. Neste trabalho pode-se identificar o advento de uma revolução modernizadora a partir da chegada da família real ao Brasil em 1808. Trata-se da chegada de duas instituições sociais modernas responsáveis por um novo tecido social: o Estado racional e o mercado capitalista. No entanto, é interessante sempre ter em mente que os valores universais a partir de agora difundidos são pautados no individualismo moral ocidental, e que nem todas as camadas sociais brasileiras teriam acesso a estes bens, o que implica numa ‘seletividade’. Tal seletividade também envolve disputas entre os grupos sociais pelo poder relativo político e econômico e pela hegemonia social e ideológica. Neste sentido, interessa nos a habilidade de Freyre em deter a questão da institucionalização de valores e concepções de mundo no Brasil, revelando sua especificidade.

A ênfase dada por Freyre ao papel do Estado racional moderno e do mercado capitalista na transformação da vida social e na emergência de uma nova sociabilidade e economia

emocional é importante para entender a especificidade brasileira. Se lembrarmos Elias (1994, 1993), temos a idéia de que o Estado moderno, através do seu monopólio da violência física na sociedade, constitui o mais evidente aspecto de um processo de desenvolvimento milenar nas formas da dominação política, que tem como implicação principal a modificação da psique individual. Cria-se um novo indivíduo e novos valores e condutas sociais. O Estado moderno passa a exercer mais do que um controle externo, o controle interno dos indivíduos. A competição social por bens materiais e simbólicos torna-se regida por normas instituídas às quais os indivíduos internalizam em suas práticas cotidianas. O que implicam em homologias entre o desenvolvimento de uma dada formação social e de um indivíduo moderno, pautado por valores universais do individualismo moral burguês ocidental.

A ação do poder impessoal que o Estado exerce não se limita ao espaço público, ao mundo da rua e das instituições sociais. Os valores que este poder comanda conduzem as pessoas, seja dentro da casa de cada um ou em outros universos sociais. Tais valores determinam como devemos agir, sentir e desejar. Nossa investigação revelou que o mercado e Estado (os poderes impessoais que criam o “indivíduo” moderno) são instituições que exercem seus efeitos em praticamente todas as esferas da vida social. Tais efeitos estão presentes nos contatos face a face da vida cotidiana, penetram nas nossas consciências, criando vínculos entre a vida institucional e as predisposições valorativas individuais que consolidam uma nova sociedade. Esta é pautada por valores morais modernos, considerados civilizados.

O leitor deve ter em mente que o fio condutor da presente abordagem sociológica é a tentativa de explicitar os elementos característicos da formação de uma civilização nos trópicos. Vimos que em *Casa Grande e Senzala*, Freyre (1956) oferece uma explicação social e psicológica do sistema patriarcal brasileiro. A família aparece como unidade básica, isso, obviamente, graças à distância do Estado português.

Freyre defendeu a proposição de uma sociedade sado-masoquista, como herança de sua sociabilidade colonial específica. Freyre rompe com a idéia de continuidade ibérica. A escravidão em Portugal, na época do descobrimento do Brasil, não guarda semelhanças com a sociedade brasileira estruturada sobre o trabalho escravo. Os valores não são transportados automaticamente. É importante como as relações sociais aqui foram institucionalizadas e ganharam permanência. O que marca a especificidade desta sociedade é a forma da relação dos senhores de engenho com os nativos e outros que aqui estiveram. Tal proposição sustenta a relação entre privilegiados e oprimidos na sociedade atual. Deve-se considerar que 1808 é a data simbólica que marca a mudança histórica de introdução do mercado capitalista (troca de mercadorias) e do advento do Estado racional moderno. Na verdade, com a chegada de tais instituições no Brasil se dá uma mudança radical nos valores e relações sociais modernas, e não exatamente com a imigração alemã, italiana, nem ao patrimonialismo, como faz Sérgio Buarque de Holanda.

Na segunda metade do século XIX, o processo descrito por Elias, de construção de um padrão emocional e reflexivo comum às distintas classes sociais dos países europeus centrais, possibilidade esta aberta pela dominação social da primeira classe dirigente da história

que trabalha, a burguesia, ainda estava longe do seu término. Especialmente na Itália e na Alemanha, países de onde vieram os maiores contingentes de imigrantes para o nosso país, esse processo, condicionado pelo relativo desses países em relação ao processo de industrialização, foi tardio. Como imaginar que esses despossuídos do campo e da cidade tenham sido os portadores da modernização entre nós? (SOUZA, p. 252-3).

O mérito de Freyre na explicação da nossa singularidade brasileira reside no fato de que ele percebeu com propriedade “que a revolução modernizadora da primeira metade do século XIX tinha vindo para ficar e para pôr de ponta cabeça os valores do personalismo então dominante no nosso país. O personalismo é vencido tanto na esfera privada, da própria casa do senhor de terras e de gente, como no espaço público” (SOUZA, 2000, p. 255). A palavra modernização indica todas as mudanças na sociedade. O discurso que legitima as vontades e práticas é o da modernização, como um código do individualismo moral ocidental. Tais valores e bens de cunho moderno não eram acessíveis a todos. Mas importa analisar a institucionalização do acesso diferenciado dos bens culturais, aceitos pela maioria da população como valores dominantes.

Freyre mostrou que o advento dos valores mercantis capitalistas representou a alguns grupos sociais possibilidades de ascensão social. Alguns mestiços, individualmente podem participar até da máquina do Estado. A importância do trabalho na introdução de uma economia emocional especial merece ser destacada. A burguesia é a primeira classe dirigente que trabalha, por isso o trabalho ganha um novo sentido na sociedade burguesa (ELIAS, 1993, p. 434-455), ensejando o surgimento de um tipo uniforme de ser humano, que mantém uma relação especial entre razão e emoções conforme as necessidades e a cultura da sociedade capitalista. O trabalho torna-se pressuposto de cidadania moderna.

O que pode ser entendido como elemento de descontinuidade é a revolução modernizadora que transforma o Brasil no século XIX (1808), a verdadeira revolução burguesa, o mercado e o Estado, numa linha de continuidades. Novos valores e instituições se consolidam no Brasil.

O processo de modernização brasileira é seletivo, pois o senhor teve que se adaptar aos novos valores, o escravo é abandonado e fica desprovido dos bens do novo sistema. Inicialmente quem vai ocupar os empregos implementados com o sistema de maquinofatura é o mulato, posteriormente o imigrante europeu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, R. B. de. *Guerra e paz: casa grande e senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

ARAÚJO, R. B. de. In *memorian – Gilberto Freyre. Dados*, Revista de ciências sociais, v. 30, n. 2, Rio de Janeiro: IUPERJ, 1987.

BASTOS, E. R. Gilberto Freyre e a questão regional. MORAES, R., FERRANTE, R. & ANTUNES, V. (Orgs.). *Inte-*

ligência brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BURKE, P. A cultura material na obra de Gilberto Freyre. In: FALCÃO, Joaquim, & ARAÚJO, R. M. B. de. (Orgs.). *O imperador das idéias: Gilberto Freyre em questão*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2001.

CHARTIER, R. Formation sociale et économie psychique: la société de tour dans le procès de civilisation. Prefácio, ELIAS, N. *La Soieté de tour*. Paris: Flammarion-Champs, 1985.

COSTA LIMA, L. *O aguarrás do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

DAMATTA, R. *O que faz o Brasil Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

DAMATTA, R. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

DAMATTA, R. A originalidade de Gilberto Freyre. *BIB*, n. 24, 1987.

DAMATTA, R. *carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ELIAS, N. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, volume 1.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993, volume 2.

FAORO, R. *Os donos do poder*. Porto Alegre: Globo, 1984.

FREYRE, G. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: Record, 1990a.

FREYRE, G. *Ordem e progresso*. Rio de Janeiro: Record, 1990b.

FREYRE, G. *Nordeste*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1985.

FREYRE, G. *O brasileiro como tipo nacional de homem situado no tropico e, na sua maioria, moreno: comentarios em torno de um tema complexo*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970. p. 41-57.

FREYRE, G. *Novo mundo nos trópicos*. São Paulo: Nacional/Edusp, 1969.

FREYRE, G. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais,

1964.

FREYRE, G. Prefácio de uma tradução. *Estudos Universitários*. Recife, 1: 9-16, jul./set. 1962.

FREYRE, G. *Casa grande e senzala*. Lisboa: Livros do Brasil, 1957.

FREYRE, G. Modern Brazil: a new type of civilization. *The Listener*. London, n. 56, v. 1427, p. 149-150, aug. 2, 1956.

FREYRE, G. *Ingleses no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

HOLLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LARRETA, E. R. Gilberto Freyre e a Sociologia Crítica: as artes do intérprete. RIBEIRO, M. T. R. (Org.). *Intérpretes do Brasil: leituras críticas do pensamento social brasileiro*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001, pp. 79-102.

MELLO, E. C. de. O “ovo de Colombo” gilbertiano. FALCÃO, J., & ARAÚJO, R. M. B. de. (Orgs.). *O imperador das idéias: Gilberto Freyre em questão*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2001.

SOUZA, J. *Modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro*. Brasília: Editora da UnB, 2000.

VALENTE, W. Introdução do Tradutor. FREYRE, G. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1964.